



A luta pela terra e a luta pela educação do campo em Natalândia-MG

The struggle for land and the struggle for rural education in Natalândia-MG

ZANELLI, Fabrício Vassalli ¹ ; ANDRADE, Marco Paulo ²;
CARNELÓS, Laira Abreu ³; ANDRADE, Alex Pires ⁴

¹ Universidade Federal de Viçosa - UFV, fabricio.zanelli@gmail.com;

² UFV, andrade.marcop@gmail.com; ³ UFV, lairaabreu@hotmail.com; ⁴ Escola Família Agrícola de Natalândia, alxpires@hotmail.com

Tema Gerador: Educação em Agroecologia

Resumo

As trajetórias da Agroecologia e da Educação do campo no Brasil estão umbilicalmente ligadas à luta pela terra. Nesta luta, muitos significados estão presentes, desde a busca por livrar-se da exploração do proprietário da terra, passando pela autonomia em relação ao quê plantar e como cultivar e também pelo enfrentamento às monoculturas da mente, para o qual a educação desempenha um papel fundamental. Registramos neste trabalho a trajetória de luta pela terra e luta pela educação, que culminou na criação do Assentamento Saco do Rio Preto e da Escola Família Agrícola em Natalândia-MG.

Palavras-chave: Reforma Agrária; Educação do Campo; Escola Família Agrícola.

Abstract

The trajectories of agroecology and rural education in Brazil are umbilically linked to the struggle for land. In this struggle, many meanings are present, since the search to get rid of the exploitation of the landholders, passing by the autonomy in relation to what to plant and how to cultivate and also by facing the monocultures of the mind, for which education plays a key role. We recorded in this study the trajectory of struggle for land and struggle for education, which culminated in the creation of the Saco do Rio Preto settlement and the Agricultural Family School in Natalândia-MG.

Keywords: Agrarian Reform; Rural Education; Agricultural Family School.

Descrição da Experiência

As experiências de educação popular no Brasil remetem ao final do século XIX e início do século XX, quando anarquistas, comunistas e defensores da escola pública realizam as suas primeiras práticas (PALUDO, 2006). Até meados do século XX a educação popular se fortalece através de experiências diversas, como o movimento de cultura popular, o movimento de educação de base e os círculos de cultura popular. Com o Golpe Militar, instaurado em 1964, as experiências de educação popular foram extintas.

Também na década de 1960, as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) se iniciaram no Brasil, calcadas numa formação da juventude camponesa com base nos princípios de Desenvolvimento Local; Formação Integral; Alternâncias Educativas e Associativismo (GARCIA-MARIRRODRIGA e PUIG, 2010). Por serem pouco numerosas e muito pró-



ximas à Igreja Católica, as experiências das EFAs escaparam à repressão dos militares. As EFAs são instituições educacionais que atuam no campo e utilizam a pedagogia da alternância, sendo este um princípio pedagógico que põe em interação o mundo escolar com o mundo da vida, da cultura e do trabalho. A pedagogia da alternância potencializa a educação do campo, ao permitir a juventude o acesso à educação, sem perder os vínculos sociais, produtivos e culturais com suas famílias e comunidades (SILVA, 2008).

A Educação do Campo se revigora quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) estabelece esta diretriz de trabalho, a partir do I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária em 1997 (MUNARIM, 2008). Desde então, diversas experiências educativas foram criadas ou ampliadas, desde a alfabetização e letramento de jovens e adultos até os cursos superiores de Licenciatura em Educação do Campo, contemplando os múltiplos sujeitos do campo: indígenas, quilombolas, sem terra, agricultores familiares, etc.

Os estudos sobre a educação do campo evidenciam que a luta pela terra não é unicamente a luta por um pedaço de terra para morar e cultivar, e sim a luta pela autonomia, pela soberania alimentar, pela cultura, pelo direito ao território. Da mesma maneira, a luta pela educação se configura como luta por autonomia, libertação, por políticas públicas abrangentes e pelo reconhecimento e análise das práticas educativas presentes no território.

Estes significados da luta pela educação e pela reforma agrária, conforme já constatamos em Zanelli et al. (2016), são demandas explícitas tanto nos movimentos nacionais que constroem a educação do campo quanto a agroecologia.

A agroecologia, inicialmente concebida como um conjunto de técnicas para o manejo e redesenho dos ecossistemas, amplia sua dimensão nas últimas décadas e passa a considerar os sistemas agroalimentares, a importância dos movimentos sociais e os processos de construção do conhecimento. Por isso é fundamental compreender a matriz comunitária em que se insere o camponês, isto é, “a matriz sociocultural que proporciona uma práxis intelectual e política à sua identidade local e à sua rede de relações sociais” (SEVILLA-GUZMÁN, 2005. p.103).

A partir desta matriz conseguimos compreender a agroecologia nos diferentes territórios; alguns mais avançados no redesenho dos agroecossistemas e alcance dos circuitos de comercialização, e outros em as ações ainda são guiadas para o fator primordial da autonomia: a luta pela terra.



Nossa prática extensionista com as EFAs do estado de Minas Gerais se deu através do programa “Trabalho, Juventude e Agricultura Familiar” (PROEXT-MEC-SESU), e uma situação que materializou a coerência de nossos aportes teóricos: Trata-se da ocupação da terra que culminou na criação do Assentamento Saco do Rio Preto em Natalândia-MG e da criação da EFA Natalândia dentro deste assentamento.

A história desta ocupação nos foi relatada em 2016 durante a realização do II Terreiro Cultural na EFA Natalândia (EFAN) - uma das ações apoiadas por nosso programa de extensão. No terreiro cultural são realizadas diversas atividades, tais como jogos, apresentações culturais, oficinas e instalações artístico-pedagógicas; todas elas no intuito de estimular e potencializar a educação do campo através de processos e práticas pedagógicas emancipadoras, que prezam pela horizontalidade dos saberes e o respeito ao conhecimento popular.

Durante a mesa de abertura do evento, Dona “Fia” - uma das lideranças camponesas desde a época da ocupação da terra - relatou parte dos desafios vivenciados desde a ocupação até à conquista definitiva da terra, e nos contou como a educação foi pauta prioritária entre os camponeses desde a ocupação. Muitos jovens presentes desconheciam esta história, até mesmo os parceiros mais recentes da EFAN não tinham conhecimento da luta daquele povo.

Este depoimento foi crucial para estabelecermos novos rumos para nossa prática extensionista. De posse das orientações de JARA (2006) decidimos estabelecer um processo de sistematização desta experiência de êxito através de um vídeo-documentário, com o objetivo de registrar os fatos e os processos através das narrativas dos sujeitos que protagonizaram esta experiência: as/os camponeses assentadas/os, além de educadores, coordenador e jovens educandos da EFAN.

Esta escolha está atrelada ao compromisso ético, político e social da extensão com a pronúncia de mundo dos sujeitos oprimidos. Compreendemos que o registro e socialização desta história podem servir como instrumento importante para compreender o amplo e real significado da reforma agrária em nosso país, além de estimular o fortalecimento e a organização social destes e de outros camponeses. Trata-se de valorizar a dimensão educativa das ações dos movimentos sociais, especialmente quando seus sujeitos abandonam uma concepção de receptores de conhecimento e adquirem a concepção crítica de que o mundo está em disputa, e quanto mais revivem o passado e reconhecem as conquistas mais se dão conta de seu papel ativo na sociedade (FREIRE, 1983).



Nesse sentido, este trabalho também se realiza como prática política do direito à comunicação, como colocado por Peruzzo (2005), possibilitando a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo e colocando os meios de comunicação a serviço dos interesses populares.

Para Freire (1983), a extensão precisa se realizar enquanto processo comunicativo na qual ação e reflexão se iluminam mutuamente. É também nessa linha que se encontra a discussão sobre a folkcomunicação. Sendo um processo que perpassa pelas relações interpessoais e manifestações culturais dos grupos excluídos e postos a marginalidade, a folkcomunicação caracteriza-se por ser tecida artesanalmente e difundida horizontalmente entre os pares (BELTRÃO, 1980).

De posse dos referenciais de Freire(1983), Beltrão(1980) e Peruzzo (2005), estabelecemos o percurso metodológico deste trabalho no intuito de construir uma narrativa desta história à partir dos assentados. Para isso, através de gravações audiovisuais, realizamos entrevistas com roteiro semi-estruturado no intuito de apreender os acontecimentos históricos e os significados daquele assentamento para cada sujeito. O primeiro Material foi coletado durante o II Terreiro Cultural da EFAN. As falas da Dona “Fia” constituíram-se como gatilho inicial para a elaboração do documentário. Em seguida a equipe estruturou um roteiro de documentação e em dezembro de 2016 retornou à Natalândia e realizou as gravações com a comunidade escolar da EFAN e as lideranças do assentamento.

Foram entrevistados estudantes, monitores (educadores) e o coordenador da EFAN, e também algumas lideranças do assentamento Saco do Rio Preto e a diretora regional da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Minas Gerais (FETA-EMG). A etapa seguinte foi de edição do material, através da análise do conteúdo gravado para elaboração roteiro do documentário. O retorno do documentário à comunidade ocorrerá no III Terreiro Cultural da EFAN, que acontecerá no segundo semestre de 2017, em um cine aberto a toda comunidade. Ademais, serão enviadas cópias em DVD aos parceiros que nos concederam as entrevistas, as EFAs de Minas Gerais e sua associação estadual, a AMEFA.

Análises

Imbuídos de um referencial de trabalho com a extensão universitária que valoriza o conhecimento popular, conseguimos estabelecer um processo de diálogo em que as razões e motivações dos sujeitos do assentamento Saco do Rio Preto em Natalândia-MG foram capazes de influenciar e transformar nossa prática extensionista, o que culminou na elaboração deste vídeo-documentário.



Os depoimentos nos revelam elementos interessantes desta luta, um deles é a presença da cooperação entre camponeses durante o processo de ocupação, estratégia de resistência para enfrentar o poder dos latifundiários:

Os assentamentos ao redor, todos sofreram repressão, os grande nunca foi a favor dos pequeno, mas o pequeno junto foi vencendo, quando um assentamento tava sofrendo repressão a gente ia pra lá pra ajudar.(entrevistado 1).

Outro elemento é a “Pedagogia do Movimento”, como define Caldart (2009). Trata-se do processo pedagógico inerente à luta pela terra, que envolve a emancipação política, o desenvolvimento de habilidades e a capacidade de tomada de decisões durante o processo de ocupação e reivindicação da reforma agrária.

Um terceiro elemento é a preocupação com os jovens da região que deixam o campo em busca de estudo e trabalho pelas promessas da urbanização e industrialização, mas se deparam com situações de exploração semelhantes: “Não é algo positivo em termos de conhecimento, de cultura, porque o jovem tem ambições, e sair de um meio que é escravo no campo, para um meio escravo na cidade, não tem mudança nenhuma.” (Entrevistado 2)

Para enfrentar esta situação é que os assentados apostaram na criação da EFAN, buscando implementar a educação do campo e estimular o fortalecimento da agroecologia na região, em resistência ao modelo de educação e de manejo da terra que deixam os camponeses na condição de dependência e subjugo. Um dos entrevistados reforça o compromisso da EFAN com a formação crítica do educando e com as problemáticas socioambientais.

E é por isso que a gente busca dentro da escola fazer com que o jovem reflita, que ele seja de fato um cidadão crítico, que ele consiga reivindicar os seus direitos (...). Então, as nossas missões aqui são no sentido de que eles tenham uma preocupação ambiental, de que este é um problema que nós precisamos enfrentar, de uma produção mais sustentável, que não agrida tanto ao meio ambiente, ao solo. E também pelo lado mais político, de reconhecer que podemos ser atores fundamentais nesse processo de mudança de uma sociedade. (Entrevistado 3)

Em síntese, destacamos neste trabalho a importância da reforma agrária, da educação do campo e da agroecologia, uma vez que se apresentam como projetos contra hegemônicos que apontam para uma sociedade de justiça social, de bem viver e de manejo ecológico dos recursos naturais. Por isso decidimos realizar este vídeo-documentário, por acreditarmos que há na EFAN um projeto educacional em profundo diálogo com os princípios da Educação em Agroecologia, na busca por emancipar os sujeitos do campo e estimulá-los a transformar sua própria realidade.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 4

Educação em Agroecologia



Agradecimentos

Aos camponeses sujeitos dessas lutas e conquistas; aos jovens do campo; às trabalhadoras e trabalhadores da EFAN; à AMEFA e ao MEC.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. Rio de Janeiro: Cortez, 1980.

CALDART, Roseli S. **Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso**. IN: Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.

GARCIA-MARIRRODRIGA, Roberto; PUIG, Pedro. **Formação em Alternância e Desenvolvimento Local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo**. Belo Horizonte: O lutador, 2010.

JARA, Oscar. **Para sistematizar Experiências**. Brasília: MMA, 2006.

MUNARIM, Antônio. **Movimento nacional de educação do campo: uma trajetória em construção**. In: 31ª Reunião Anual da ANPED, 31, 2008, Caxambu. Anais.

PALUDO, Conceição. **Da raiz/herança da educação popular à pedagogia do movimento e a educação no e do campo: Um olhar para a trajetória da educação no MST**. Anais da 29ª Reunião Anual da Associação Nacional da Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, MG. ANPED, 2006.

PERUZZO, C.M.K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, a.2, n.3, p.18-41, jul/dic.2005.

SILVA, Lourdes Helena da. **Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira**. IN: SÍSIFO. Revista de Ciências da Educação. Nº 5, Jan/Abr 2008 . p.105-112.

SEVILLA-GUZMÁN, E. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. IN: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa. Informação Tecnológica, 2005. p.101-130.

ZANELLI, F. V.; SILVA, L. H.; MIRANDA, E. L.; CARDOSO, I.M; SILVA, B. M. **Intercâmbios Agroecológicos: encontros entre a Educação do Campo e a Agroecologia na Zona da Mata mineira**. Cadernos de Agroecologia, v. 11, p. 1-22, 2016.